

**DRAMATURGIAS**  
FOTOGRAFÍAS DE LUÍSA FERREIRA



**DRAMATURGIAS**  
FOTOGRAFIAS DE LUISA FERREIRA

FOYER DO PEQUENO AUDITÓRIO | CENTRO CULTURAL DE BELÉM | 17 DEZEMBRO 2001 A FINAIS DE FEVEREIRO 2002

**OLHARES (DRAMATURGIAS) DA FOTÓGRAFA LUÍSA FERREIRA  
SOBRE ALGUNS DRAMATURGOS PORTUGUESES. CONHECER  
OS AUTORES DRAMÁTICOS E OS SEUS AMBIENTES - O QUE**

**ABEL NEVES \_ FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO \_ JACINTO LUCAS PIRES \_ JAIME ROCHA**

LHES RODEIA O CORPO, A ALMA E A EXISTÊNCIA POR TODOS  
OS LADOS - ATRAVÉS DA ARTE DE COMPOR PEÇAS DE  
FOTOGRAFIA!

MIGUEL ABREU

JAIME SALAZAR SAMPAIO \_ LUÍSA COSTA GOMES \_ LUÍS ASSIS \_ LUÍS FONSECA



ABEL NEVES

MOTORISTA

Sim, menina?

LUCY

Achas que enlouqueci por causa do conde?

MOTORISTA

Não, menina, claro que não. Se a menina tivesse enlouquecido, eu também teria enlouquecido. Está no meu contrato. E eu não estou louco.

LUCY

Obrigada, Tomás. *Levanta-se. Ele pega na cadeira e ela avança para a saída. O Motorista acompanha-a atrás, levando a cadeira.*

Levas-me até ao mar?

MOTORISTA

Sim. Ah, é verdade, um dos operários fez uma amolgadela no carro com um ferro do andaime. Acho que não fez de propósito.

LUCY

Se fez de propósito, fez bem. Estou muito curiosa com o trabalho... a sério que gostas do nome?

MOTORISTA

Silicon Valley? *Acena com a cabeça dizendo que sim.*

LUCY

Vamos até ao mar. Estou tão feliz! *Saem. Escuro.*

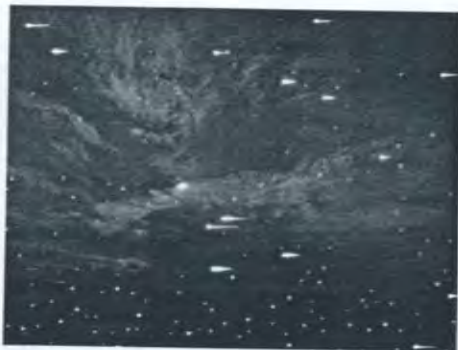
Fragmento da obra inédita para o teatro "Olhando o céu estou em todos os séculos"





#### NATUREZA MORTA COM LOUVADEUS

Foi o último hóspede a sentar-se  
no topo da mesa, já depois do martírio.  
As asas magníficas haviam-lhe sido quebradas  
por algum vento. Perdera o rumo  
sobre a película cintilante de água  
no riacho parado. Tal como poisou  
junto de nós, com o belo corpo magro  
arquejante, lembrava, ainda segundo o seu nome,  
um santo mártir. Enquanto meditávamos,  
a morte sobreveio, e a pequena criatura,  
que viera partilhar a nossa mesa,  
depois de ter sido banida das águas  
foi banida da terra. Alguém pegou  
no volúvel alado corpo morto  
abandonado sem nexo na brancura da toalha  
- que maculava -  
e o atirou para qualquer arbusto raro  
que o poeta ainda pôde fotografar.





JACINTO LUCAS PIRES

Se nevasse eu estaria no meu quarto a ler teatro sem muita luz. Tu inesperar-me-ias lá fora, em baixo, parada, na rua. Interior no contraste com o branco repetitivo caindo, caindo. E eu iria à janela e olharia, se nevasse, os teus olhos e os teus lábios. Veria que sim, que eras mesmo tu - e então o meu gesto por mim saberia dizer o que de verdade (se nevasse) dentro de mim se passava caindo.





## VISÃO VINTE E TRÊS

Há ouro e morte por todo o lado. O pedreiro desconhece por momentos o que faz ali e por que tapou de repente a muralha sem perceber que verdade traziam aquelas criaturas na pele de mulheres e se os seus ossos eram realmente de pedra. Mulheres cujo corpo era a própria voz. Os seus olhos de tão luminosos não permitiam ver a forma dos lábios nem a cor dos dentes. Nem se se tratava de anjos como pensava o pedreiro ou de seres que guardavam o inferno e se entregavam livremente aos marinheiros que naufragavam. Era o cheiro do sangue que o confundia, um vapor sedoso que entrava pelos orifícios da muralha, como se as suas mãos estivessem gravadas num papel e ele as visse escorregar até ao chão deixando uma marca.

JAI ME ROCHA

in "Os Que Vão Morrer"

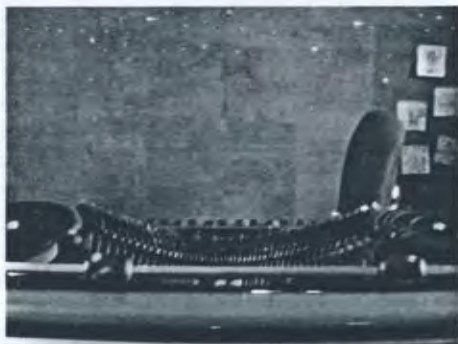


JAI ME SALAZAR SAMPAIO

in "o viajante imóvel"



lá fora começou a chover.  
para um homem dividido, a única saída ou solução  
ou esperança é que lhe apanhem os bocados  
e lhos entreguem por ordem,  
a sua ordem - única, já esquecida,  
ordem humana e natural dos bocados dele.  
...que lhos entreguem? o homem dividido ficou  
de repente lúcido: "por mim ninguém pode nada",  
diz o homem.  
ninguém pode nada por ele, é assim mesmo:  
está sozinho, no salão dos espelhos.  
ninguém o convida para jogar bridge  
ou fazer a revolução dos oprimidos.  
ninguém. nunca. até hoje.  
e chove...





O primeiro livro que escreveu, aos dez anos, foi uma coleção de sonetos em memória do seu avô materno, que morreu de repente depois de muito gozar a vida, em 1963. Aos treze anos, aluna de "Arte de Dizer" da atriz Manuela Machado no Instituto de Odivelas, declamava com sentimento "Oh, olhos negros, olhos negros!/Olhos da cor da capa de Hamlet.(...)" e, ainda sem saber quem seria este Hamlet, escrevia por encomenda da professora a sua primeira peça de teatro, expressivamente intitulada "O Louco". Umas quantas vicissitudes fizeram com que a peça, um pastelão ao melhor estilo Álvaro de Campos, com muitos "eias" e "alas!", extensos monólogos sobre o sentido da vida e as injustiças da sociedade, nunca chegasse a ser representada. Mas, nesse mesmo ano, teve a glória de pisar o palco escolar como personagem mais que secundária de um auto de natal feito a partir de "O Suave Milagre" de Eça de Queirós. Nele, sentada ao de leve na borda dum poço do cenário, cuja roldana periclitante ela temia, após uma pausa enfática anunciava a boa-nova da vinda de um Messias aos pastores que, pasmados, esperavam vez para dar água às ovelhas. O pavor que sentiu do público sentado nas cadeiras serviu-lhe de emenda. E foi para casa, escrever.





#### COMANDANTE ZONA SUL

Podes troçar, Ícaro. Mas garanto-te que não é caso para ironias. A princípio, não percebi. Quase sempre se calavam à minha passagem. Até que ouvi o que não era suposto ouvir. Tratavam-se, já nessa altura, pelos nomes de baptismo e não pelos de código. A partir daí, nada parecia poder deter o que tinham posto em movimento. Pareciam capazes de discutir qualquer assunto. Assuntos mesmo que fugiam ao meu entendimento. Coisas que escapariam a muitos de nós. Coisas que se tornou forçoso esquecer para sobrevivermos. Antes que pudesse detê-lo, via-os a falar sobre a ternura e a procurá-la nos gestos uns dos outros. Tive que parar para pensar e ver se me lembrava do que tal palavra poderia querer dizer. Talvez tenha sido esse o crime maior: ter parado para pensar. Quanto tempo isso durou, não poderei precisar-te. Sei que quando finalmente me lembrei do sentido da palavra, não restava um único homem junto de mim. *(Tempo)* Sempre foi óbvio para mim: cada acção tem uma consequência. E se a morte for a minha, terei de descobri-la justa recompensa.

LUIS ASSIS

in "O Recreio dos Anciãos", 2001





Rapariga Na solidão de um quarto de pensão penso em todos os que já viveram uma paixão triste que mais não era que uma enorme vontade de foder, penso em todos os que se embebedaram no sabor de sêmen ou no sabor de uma vagina molhada ou no sabor de uma cerveja cheia de sal das lágrimas choradas por uma paixão triste que mais não era que a vontade enorme de foder alguém que nos apertasse e apertasse até perdermos o fôlego e o coração parar de bater por bater demais e no escuro a água morna envolver-nos a água tépida envolta na água fria e escura e morna a água que nos leva para baixo e para baixo por estar morna e mais morna e talvez quente e mais quente e se conseguirmos aguentar o frio que se nos atravessa as correntes de água fria que nos atravessam até aparecer outra vez a água morna e quente e mais quente e talvez encontrar algo e talvez perceber e pensar em todos os abraços em todos os quartos de pensão em dias tristes e cinzentos quando chovia lá fora e se dizia adeus e pensar em todas as vezes que alguém quis ser penetrada sim todas as vezes que quis sentir um caralho pelo cu acima sim uma coisa brutal e uma brutalidade que se deseja como a coisa mais doce se deseja o amor que não vem que vem já veio morde desaparece deixa a ferida e num determinado momento desaparece o abraço que foi o abraço que não se esquece e que parece às vezes ainda se sente e abraçamos o ar e o cheiro da humidade no quarto que ainda se cheira o cheiro do perfume almiscarado e do tabaco e o cheiro da humidade do meu corpo e penso em todos os que vaguearam pelas ruas sem destino e nos que não vaguearam em lado nenhum por só terem um tubo catódico de raios azuis para abraçar e todas as cervejas com sal sem sal todos os espermas salgados que as bocas já não bebem no silêncio dos quartos escuros das piscinas escuras do mar escuro deste mundo sub-aquático que é o quarto escuro em que estou do meu cigarro que se apaga esquecido no cinzeiro da luz que se apaga das luzes da cidade lá fora que não se apagam não se calam não se calam não me deixam em paz.





#### **ABEL NEVES**

Nasceu na Primavera de 1956 em Montalegre, a poucos quilómetros de Pitões das Júnias, a segunda terra. Por enquanto vive na Graça. Os seus textos para o Teatro estão publicados nas Edições Cotovia.



#### **FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO**

Nasceu em Lisboa, em 1938. Autora de livros de poesia (o mais recente "Cenas Vivas", 2000), ficção (entre outros "Sob o Olhar de Medeia", 1998), ensaio ("O Labirinto Camoniano e Outros Labirintos", 1985) e teatro reunido, (em 1990, no volume "Teatro-Teatro").



#### **JACINTO LUCAS PIRES**

Nasceu no Porto, a 14 de Julho de 1974; vive em Lisboa. Escreveu três peças: "Universos e frigoríficos" (1997), "Arranha-céus" (1999) e "Escrever, falar" (2001).



#### **JAIME ROCHA**

Jaime Rocha nasceu numa praia, Nazaré. Em Abril. Era o ano de 1949. Cresceu e começou a escrever, poesia, ficção e teatro. Tem uma vintena de livros editados. "Os Que Vão Morrer", poemas, ou "O Jogo da Salamandra", teatro, são dois desses livros.



#### **JAIME SALAZAR SAMPAIO**

Há setenta e seis anos nasceu em Lisboa. E anda por aí.  
... Às vezes, mesmo, a escrever Teatro.  
Com amargo prazer.  
E bastante trabalho.



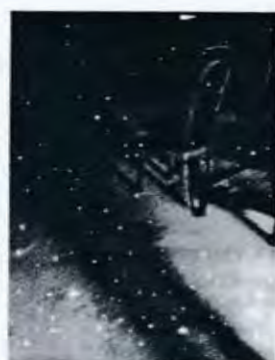
#### **LUÍS ASSIS**

Nasceu em 1971. Formou-se como actor na Escola Superior de Teatro e Cinema. Desenvolve, desde 1996, actividade regular como dramaturgo e encenador. Entre os seus textos, contam-se "Enquanto o Espectáculo Decorre", "Peep-Show", "Uma Casa na Árvore", "Entre a Espada e a Parede" e "O Recreio dos Anciãos".



#### **LUÍSA COSTA GOMES**

Nascida em Lisboa, 1954. Licenciatura em Filosofia. Professora do Ensino Secundário. Contista, romancista, dramaturga, cronista. Publicou 4 romances, 3 volumes de contos, 2 librettos, 9 peças de teatro.



#### **LUÍS FONSECA**

Nasceu em Lisboa em 1966. Estudou Cinema. Realizou uma curta-metragem que se chama "Chuva".

Escreveu as peças:  
- "O voo das borboletas",  
*estreia: Comuna, 1998;*  
- "Os dias que nos dão",  
*estreia: Casa Conveniente, 1999 e*  
- "O vento que vem",  
*estreia: Comuna, 2000.*



## **LUÍSA FERREIRA**

Nasceu em Lisboa em 1961.

Começou a fotografar profissionalmente em meados dos anos 80.

Interrompeu a actividade de fotojornalista em 1998, após trabalhar sete anos no jornal diário "Público" e dois anos na agência de notícias norte americana "Associated Press".

Paralelamente desenvolveu projectos pessoais e encomendas, participando com frequência em encontros de fotografia e exposições em diversos países da Europa. Realizou regularmente desde 1989 exposições individuais e colectivas. Publicou alguns livros.

Ainda como fotojornalista, Luísa Ferreira começou a fotografar escritores. Mas a sua relação peculiar com estes começou em 1996, quando de um convite feito pela Casa Fernando Pessoa para executar um conjunto de retratos de poetas para a Maison de la Poésie de Paris. Desde então tem vindo a realizar diversos trabalhos dentro do mesmo âmbito, destacando-se a Frankfurt Buchmesse 1997 e o Salon du Livre de Paris 2000.

Estas "Dramaturgias" surgiram após uma proposta de Jorge Silva Melo para fotografar dramaturgos e os seus mundos.

## AGRADECIMENTOS

Abel Neves

Albino Ferreira

António Coxito

Fiama Hasse Pais Brandão

Gastão Cruz

Jacinto Lucas Pires

Jaime Rocha

Jaime Salazar Sampaio

Jorge Silva Melo

Júlia Carvalho

Luísa Costa Gomes

Luís Assis

Luís Fonseca

Dimensão das fotografias preto e branco 70 x 70 cms, ampliadas no Laboratório Masterlab.

Fotografias cor de dimensões variáveis, imagens digitais.

patrocínio

MASTERLAB  
Laboratório de Fotografia  
Digital

apoio

GALERIA  
de Arte Contemporânea  
de Lisboa

produção

M|C  
Museu de Arte  
Contemporânea de Lisboa

MA  
Museu de Arte  
Contemporânea de Lisboa